

08-08-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Gestão de Risco e Resposta a Desastres Naturais

Brasília-DF, 08 de agosto de 2012

Bom dia a todos. Eu queria iniciar cumprimentando o nosso senador José Sarney.

Cumprimentando também os senhores ministros e as senhoras ministras de Estado ao cumprimentar aqui a Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; o Fernando Bezerra Coelho, da Integração Nacional; o ministro Marco Antonio Raupp, da Ciência e Tecnologia [da Ciência, Tecnologia e Inovação]; o ministro Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; e o embaixador Celso Amorim, ministro da Defesa; e a ministra Miriam Belchior, do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Queria também cumprimentar os senhores governadores Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Eduardo Campos, de Pernambuco; Antonio Anastasia, de Minas Gerais; Wilson Martins, do Piauí; Ricardo Coutinho, da Paraíba; Teotonio Vilela, de Alagoas; o governador de Santa Catarina, João Raimundo Colombo; o nosso governador de Sergipe, Marcelo Déda; o vice-governador do Amazonas, José Melo de Oliveira, o vice-governador do Rio, Luiz Fernando Pezão.

Cumprimentar aqui o senador Casildo Maldaner,

As senhoras e os senhores deputados federais Glauber Braga, relator da Comissão Especial de Medidas Preventivas e Saneadoras de Catástrofes Climáticas; Abelardo Camarinha, Décio Lima, Givaldo Carimbão, Leopoldo Meyer, Maurício Quintela, Paulo Maluf, Renan Filho, Renzo Braz, Sandra Rosado, Toninho Pinheiro e Valtenir Pereira.

Queria cumprimentar também o senhor Jorge Chediek, coordenador-residente do Sistema das Nações Unidas no Brasil,

O senhor Humberto Viana, secretário nacional de Defesa Civil,

O senhor Armin Braun, chefe do Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres, Cenad.

Queria cumprimentar, embora ele não esteja presente, mas esteve conosco, Carlos Nobre, lá do Cemaden.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores secretários de governos municipais e estaduais aqui presentes,

Caros servidores e servidoras do Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres – Cenad,

Os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas, e a todos que nos honram com sua

presença neste momento.

Eu queria dizer que hoje é um dia especial para nós, porque nós estamos lançando um plano que esta à altura do desafio que é, em um país continental como o nosso, fazer face aos desastres naturais que nós sabemos que nos últimos tempos tem tido acontecimentos bastante pronunciados e críticos.

Nós sabemos que as consequências desses desastres naturais muitas vezes são extremamente trágicas. Mas elas não precisam ser trágicas para ser graves. Este Plano ele tem um objetivo. Nós como seres humanos não controlamos a natureza. Mas, nós, como seres humanos somos capazes de criar mecanismos para minimizar e para garantir uma maior resistência, tanto no que se refere às pessoas quanto ao patrimônio, ampliar a nossa capacidade de fazer face à eles.

Esse Plano Nacional de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres Naturais, ele pretende ser isso. Primeiro, essa característica que eu acho fundamental. Que, aliás, nesse tempo de Olimpíadas, nós vimos no jogo de basquete feminino, quando nós disputamos até o fim e ganhamos. Porque nos dedicamos a enfrentar momentos... é de vôlei, desculpa... momentos muito difíceis. E eu fui jogadora de vôlei, era uma boa levantadora. Não era uma grande cortadora, mas era uma boa levantadora. Até sempre me perguntam... o quê? Pois é, hoje eu corto. Mas também dou uma levantada, viu, Sérgio.

Mas queria dizer que ontem... eu gravo, eu gravo e não tem problema não, eu não ligo de saber o resultado. Eu, ontem fiquei assim muito entusiasmada porque ali implicou numa teimosia e numa resistência ao desafio. Eu acho que esse Plano é isso. É a nossa capacidade de resistir ao desafio que desastres naturais colocam para nós. O fundo desse Plano é isso: nós queremos salvar vidas humanas. Nós queremos garantir que os estados, as regiões, os municípios tenham menos impactos, que as pessoas não percam suas casas. Nós queremos garantir que haja um processo pelo qual a gente evite as consequências danosas tanto da seca, que é mais insidiosa porque ela é permanente, ela permanece, quanto dos desastres naturais decorrentes de muita chuva e de alagamento e deslizamentos de encosta.

Nós sabemos que é algo que implica numa grande mobilização. Uma mobilização do governo federal, dos governos dos estados e dos governos municipais e da sociedade. Significa também juntar esforços de todos esses entes e também a participação solidária da sociedade. E também a participação de entidades como a Cruz Vermelha que tem tido um papel relevante nessas circunstâncias.

Mas, sobretudo, requer planejamento, requer aquele planejamento que permite que nós aproveitemos, da melhor forma possível, os recursos que nós temos. E naqueles mecanismos, atividades e aspectos que ainda nós não temos os recursos completos, nós temos de completá-los e ao mesmo tempo providenciar aquelas obras de infraestrutura que podem permitir que nós mitiguemos o risco de ter enchentes, deslizamentos e ao mesmo tempo de prevenir as situações recorrentes de seca.

Eu acredito que nós, através desse processo que apresentamos aqui dos quatro eixos, que começa pelo mapeamento, passa pela prevenção e, ao mesmo tempo avalia as condições e faz um mapa dessas condições e garante, num quarto momento, a resposta, a integração desses fatores é algo fundamental e que era uma obrigação a ser feita pelo governo federal.

O ministro Fernando Bezerra disse aqui que nós procuramos conhecer o que havia de melhor no mundo. Mas, obviamente, eu concordo também com o governador Sérgio que além de

conhecer o que havia de melhor no mundo, nós vivemos situações que nos impactaram, nos marcaram, que nos levaram e eu sou testemunha disso e em vários ministros, em vários secretários nos levarem até aquela determinação de que nós não poderíamos chegar novamente a enfrentar de uma forma que não fosse a mais profissional possível os desastres naturais. Por que? Porque eu vivi e vi o desespero do vice-governador Pezão e do governador Sérgio Cabral diante do que aconteceu na região serrana do Rio. Eu vi o imenso esforço de toda aquela região, no sentido de impedir aqueles deslizamentos e as fatalidades que ocorreram.

Ao mesmo tempo, eu assisti de um helicóptero o deslizamento de uma montanha, em Santa Catarina, onde não tinha um ser humano, e parecia que havia sido passada uma máquina no morro, e ele inteirinho deslizou e caiu.

A partir de todas essas experiências dramáticas em que o Maranhão, por exemplo, era um estado completamente alagado. Alagoas e Pernambuco foram estados também que sofreram consequências devastadoras – para não dizer Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Enfim, todos os estados aqui presentes estão aqui porque passaram, de forma muito intensa, por esses problemas, e sofreram essas consequências. Foi com isso que todos nós nos mobilizamos.

É, de fato, uma iniciativa que implica na articulação de vários ministérios, praticamente quase todos os ministérios do meu governo. E eu tenho certeza de que esse Centro, essa ligação entre o Cenad e tudo que se opera nesse Centro, o que se opera no Cemaden e todas as relações com as defesas civis são o eixo principal no qual nós atuamos. É por aí que nós atuamos, mas, por trás disso, tem as Forças Armadas e o fato... eu estava escutando a conversa do Sérgio Cabral com o Eduardo Campos a respeito da importância das pontes móveis.

Nessa questão das pontes móveis, nós, hoje, queremos que haja pontes móveis distribuídas pelo território nacional para nós podermos ter acesso, de forma rápida e urgente, e de forma pronta a todos os recursos para enfrentar momentos em que a gente precisa tomar medidas emergenciais.

Eu penso que nós temos de recorrer aos mais sofisticados recursos tecnológicos. Temos de ter mais recursos que cubram o território nacional. Por exemplo, satélites. Nós estamos acrescentando nove satélites porque na avaliação do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, na avaliação do Ministério da Defesa e da Aeronáutica, nós, com esse conjunto de satélites, cobrimos o território nacional.

Nós precisamos colocar à disposição os 4 mil pluviômetros, porque, com esse pluviômetros, nós, junto como treinamento da Defesa Civil, conseguimos fazer um duplo monitoramento – o monitoramento que vem do satélite e o monitoramento que vem lá debaixo, das populações municipais, das defesas civis, dos estados e das atuações do municípios -, no sentido de fazer essa comunicação ficar cada vez mais capaz de prevenir ao invés de remediar.

Eu quero dizer que, com muito orgulho, nós criamos algumas forças integradas. Ora, o governo federal tem geólogos e tem especialistas da CPRM, que são capazes de ajudar na prevenção, proque podem detectar aqueles terrenos com maior risco de deslizamento. Ao mesmo tempo, a ANA tem hidrólogos que podem nos... e que nos ajudam hoje a fazer todo o mapeamento das bacias críticas. E o Ministério do Desenvolvimento Social tem assistentes sociais capazes de criar as condições para dar suporte à população diante de seus traumas por conta dos desastres naturais.

Enfim, nós temos condições, junto com a parceria com estados e municípios, de somarmos esforços, de transformarmos este Plano Nacional de Gestão de Riscos e de Respostas a

Desastres Naturais em um plano em que o Brasil mostre que é capaz, e que é um país que conta com a capacidade de gestão e, ao mesmo tempo, a capacidade de iniciativa, porque tem recursos humanos suficientes para fazer face a isso.

De fato, nós contamos com isso, que é a principal característica e a mais nobre característica do ser humano, que é a iniciativa e a capacidade de criar soluções diante da força imensa da natureza.

Eu tenho certeza de que, hoje, nós damos um passo. Esse passo é muito importante, e nós colocamos, de fato, recursos suficientes, neste primeiro momento - e acredito que o Brasil tem de continuar a investir nisso, sistematicamente, mas nesse primeiro momento nós estamos colocando à disposição dos estados R\$ 15 bilhões de investimentos novo. Não estou me referindo ao que nós já decidimos, ao que nós já fizemos. Todas as iniciativas e ações de prevenção, por exemplo, feitas no Rio, feitas em Pernambuco. Não estou me referindo a elas. Estou me referindo a novas. E elas são muito importantes porque elas inauguram um novo momento e garantem espaço fiscal para os governadores.

Nós já temos projetos apresentados para vários estados. Eu queria mencionar no mínimo três: os do Rio de Janeiro, queria mencionar os de Santa Catarina, os de Minas Gerais. Mas também, aqueles apresentados... o senador Sarney me perguntou: e o Maranhão? Os apresentados pelo Maranhão, senador, porque eles falaram em todos aqui e esqueceram do senhor. Então, os também apresentados pelo Maranhão. Os apresentados pelo Déda – se a gente não falar com o Déda, ele fica numa infelicidade louca.

E eu tenho certeza absoluta que nós vamos completar alguns projetos que são essenciais, por exemplo, para a questão, para resolver de forma mais estrutural, a questão tanto do deslizamento, das enchentes como da seca.

No caso da seca eu quero citar uma obra lá do ministério do Fernando Bezerra que é a interligação da Bacia do São Francisco. Porque esse é um projeto que tem por objetivo criar um novo momento no Nordeste. Transformar o Nordeste, principalmente aquela região do semiárido, numa região que tenha a possibilidade de utilizar os recursos hídricos como uma forma de desenvolvimento. E utilizar esses recursos hídricos de uma forma que nós, junto com todas as medidas emergenciais que estamos tomando no caso do Água Para Todos, nós criemos junto com todas as adutoras que estamos fazendo, com todas as barragens, nós criemos uma estrutura hídrica no Nordeste capaz de enfrentar a seca de uma forma que nos orgulhará a todos como brasileiros.

Ao mesmo tempo nós temos de enfrentar essa questão grave, muito grave, dos deslizamentos. E eu tenho certeza que esses projetos dão conta disso e naquilo que ainda não foi feito, eu faço aqui um apelo aos senhores governadores: acelerem, por favor, os projetos, que os recursos estão disponíveis.

Para finalizar, eu quero também destacar que os investimentos que faremos também são uma oportunidade – no caso o Ministério de Desenvolvimento... desculpa... o Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação – são uma oportunidade para que a gente desenvolva a tecnologia no Brasil, compre tecnologia, tanto no que se refere a pluviômetro como a satélites, como a todas as necessidades de TI que nós temos, porque elas serão bastante significativas. Nós vimos que isso é um elemento importante.

Ao entrar, eu fui alertada que a informação no combate ao desastre é estratégica, e a informação implica em sistemas de telecomunicação e em sistemas também que usam computadores e internet.

Eu não preciso mais – e não quero mais – falar com o Pezão pelo telefone da padaria, que

era o único telefone que funcionava lá na Região Serrana, e na madrugada de vários dias o Pezão só conseguia se comunicar com a gente pelo telefone da padaria.

Para evitar a padaria, nós vamos ter de ter estruturas de comunicação móveis. E essas estruturas de comunicação móveis, elas podem ser feitas, e elas, parcialmente, já são feitas no Brasil. Nós queremos que, integralmente, elas sejam feitas aqui.

Com isso, eu encerro a minha fala. E quero dizer que eu parablenizo, sobretudo, cada um dos novos profissionais – doutores, mestres -, mas os funcionários, todos os funcionários do Cenad e do Cemaden, que tanto vão contribuir para que nós demos um passo diferenciado na questão do combate aos desastres naturais, e que possamos gerenciar os riscos do nosso país. Porque, ao fazer isso, também nós demonstramos que este país é bom em futebol, em vôlei, em basquete – que é onde eu ainda espero ter medalhas de ouro -, em judô , que nós já tivemos – eu estou falando das novas Ideli, das novas medalhas.

E que nós iremos, de fato, nessa questão, demonstrar que vamos dar um passo à frente no sentido de evitar todas as fatalidades que possamos, com todo o nosso esforço e com toda a nossa determinação.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-plano-nacional-de-gestao-de-risco-e-resposta-a-desastres-naturais-brasilia-df-21min34s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-plano-nacional-de-gestao-de-risco-e-resposta-a-desastres-naturais-brasilia-df-21min34s) (21min34s) da Presidenta Dilma.

08-08-2012 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante inauguração das novas instalações do Centro Nacional de Gerenciamento de Risco e Desastres (Cenad) - Parte I

Brasília-DF, 08 de agosto de 2012

... por esse esforço.

Cumprimentar todos os funcionários do Cemaden, os funcionários e as funcionárias.

E queria parabenizar pelo grande esforço que vocês fizeram para colocar este órgão para atuar 24 horas por dia, sete dias por semana, e esse contato, entre vocês e o Cenad, é que vai permitir que a gente mapeie, monitore e alerte. E isso vai garantir que haja ações concretas que deem respostas aos riscos e aos desastres naturais.

Muito obrigada, [Carlos] Nobre, e agradeço mais uma vez a todos os integrantes do Cemaden. Um Abraço.

Ouçã a íntegra das [palavras](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-inauguracao-das-novas-instalacoes-do-centro-nacional-de-gerenciamento-de-risco-e-desastres-2013-cenad-44s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-inauguracao-das-novas-instalacoes-do-centro-nacional-de-gerenciamento-de-risco-e-desastres-2013-cenad-44s>) (44s) da Presidenta Dilma.

08-08-2012 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante inauguração das novas instalações do Centro Nacional de Gerenciamento de Risco e Desastres (Cenad) - Parte II

Brasília-DF, 08 de agosto de 2012

...todas as situações de risco e de desastres naturais. Eu agradeço a vocês porque essa é uma operação que só pode ser feita em equipe, com cooperação entre estados, municípios, órgão da sociedade e, obviamente, o governo federal. E, a partir deste momento, eu acho que nós damos mais um passo na direção de uma estrutura de prevenção e monitoramento, resgate de vítimas e resposta aos desastres naturais.

Um abraço a todos, ao pessoal aí do centro de operações do Rio, ao pessoal aí de Santa Catarina, da Secretaria de Defesa Civil, ao pessoal de São Paulo, (incompreensível), à Agência Nacional de Águas – a ANA, ao pessoal do CPRM, ao pessoal da EBC também, que está nos ajudando. Ah, e para a defesa civil do Maranhão, daqui (incompreensível) o Sarney.

Ouçã a íntegra das [palavras](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-inauguracao-das-novas-instalacoes-do-centro-nacional-de-gerenciamento-de-risco-e-desastres-2013-cenad-58s-parte-ii) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-das-palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-inauguracao-das-novas-instalacoes-do-centro-nacional-de-gerenciamento-de-risco-e-desastres-2013-cenad-58s-parte-ii>) (58s) da Presidenta Dilma.

10-08-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio da ampliação do Programa Brasil Sorridente e mutirão de próteses dentárias

A meta do programa é, até 2014, levar mil novas Unidades Odontológicas Móveis (UOM) às regiões mais necessitadas do país. O alcance da meta aumentará em mais de cinco vezes a capacidade de atendimento, com frota atual de 181 veículos

Rio Pardo de Minas-MG, 10 de agosto de 2012

Eu queria agradecer aqui essa recepção, que é uma recepção extremamente fraterna, extremamente calorosa.

Eu queria também agradecer a vocês todos porque eu estou com muita alegria de estar aqui. Estou com alegria de estar aqui porque eu nasci aqui no estado de Minas Gerais, e volto, com muita alegria, aqui para estar aqui em Rio Pardo de Minas.

Rio Pardo de Minas, para mim, representa uma volta às minhas origens, representa a volta, o encontro àquilo que os mineiros têm de mais caloroso, que é essa capacidade de transmitir sentimentos. Por isso, eu estou muito feliz de estar aqui.

Queria cumprimentar aqui o governador do estado de Minas Gerais, Antonio Anastasia.

Queria cumprimentar o prefeito de Rio Pardo de Minas, Antônio Pinheiro da Cruz.

E a nossa querida Gláucia Coelho Cerqueira da Cruz, por intermédio de quem eu cumprimento todos os cidadãos aqui de Rio Pardo.

Cumprimentar o nosso ministro Alexandre Padilha e a ministra Tereza Campello, e também o mineiro Fernando Pimentel, o nosso querido Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral, e a ministra Helena Chagas. Todos esses são ministros que me acompanham aqui nesta viagem.

Cumprimentar o deputado federal José Silva,

O bispo diocesano de Janaúba, Dom José Ronaldo Ribeiro.

Cumprimentar a secretária de Saúde, e dizer à secretária de Saúde que eu fiquei extremamente impressionada com o nosso CEO hoje. Essa parceria que nós fizemos aqui.

Queria também saudar os cidadãos lá de Santo Antônio da Platina, os cidadãos de Ananindeua, de Caxias de Sul, de Água Branca, e através deles cumprimentar também todos os profissionais da área de saúde, todos os dentistas, todos os agentes de saúde, que são responsáveis pela saúde da população desses municípios.

Cumprimentando a Jussara Maçareli, a Alessandra Amaral Barbalho, o Raul Vigglioli, o Antonio Francisco de Oliveira Filho, eu saúdo a todos eles.

Queria também cumprimentar aqui o senhor Lúcio Costa, presidente da Suggar.

Cumprimentar também os jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Eu queria também, aqui, dizer para vocês que esse é um momento muito especial para mim. É um momento muito especial porque eu acho que aqui se demonstra uma coisa: quando se faz e quando se tem a responsabilidade de dirigir um país, nós temos de olhar quem? Nós temos de olhar as pessoas deste país. Neste país em que as pessoas são o centro, é um país onde se pode fazer a política pública mais correta.

No passado ninguém olhava para a pessoa de uma forma completa. E aí, a gente tratava aqui no Brasil de várias coisas, mas esquecia que um dos elementos fundamentais para identidade de uma pessoa é ela ser uma pessoa inteira. Daí porque a importância que no Brasil Sorridente nós damos à saúde bucal, aos dentes e nós olhamos, não mais a pessoa como uma parte, uma pessoa que tem uma doença, mas olhamos o que pode dar saúde integral para ela, o que pode dar felicidade e o que pode dar sentido de plenitude na vida.

Assim, uma coisa que eu queria compartilhar com vocês é que eu assisti e presenciei o empenho do presidente Lula e o incomodo que ele tinha quando ele via um cidadão do nosso país, um brasileiro, um irmão, ou uma brasileira ou uma irmã sem os dentes. Por que isso? Porque nós precisamos de uma coisa importante no nosso país, que é a nossa autoestima. Olhar para nós mesmos e saber que esse país conta, fundamentalmente, conosco. Que ele conta conosco para enfrentar tantos os desafios como para assegurar que ele cresça, que ele distribua renda, que as pessoas mais pobres sejam atendidas. Esse é o país que tem de ser feito para a maioria de seus habitantes. Não pode ser feito só para uma parte dele. Tem de olhar o que é mais importante no país, e aí atendê-lo.

Nós, hoje, estamos enfrentando uma crise no mundo. O Brasil sabe, porque tem os pés no chão, que ele pode e ele vai enfrentar a crise e passar por cima dela, assegurando emprego para todos os brasileiros.

O que o meu governo vai fazer, e isso ele vai fazer, é assegurar empregos para aquela parte da população que é a mais frágil, que não tem direito à estabilidade, que sofre porque pode e esteve, muitas vezes, desempregada. Nós não queremos isso. Nós queremos todos os brasileiros empregados, ganhando seu salário e recebendo serviços públicos de qualidade.

Hoje, eu estava vindo para cá e me disseram que aqui mil e duzentas crianças, de zero a seis anos, saíram da extrema pobreza pelo Brasil Carinhoso. Por que o que é o Brasil Carinhoso? É você atribuir, você atribuir a uma família que tem uma criança de zero a seis anos a renda mínima de setenta reais per capita. Então, uma família que tem cinco pessoas, uma delas tem de zero a seis anos, todos os membros da família têm direito a receber setenta reais. Por que que nós fizemos isso? Porque nós sabemos que a criança não sai sozinha da pobreza. Ela, para sair da pobreza, ela precisa do pai, da mãe, dos irmãos. Por isso que nós fizemos o programa Brasil Carinhoso.

Além disso, por que que eu estou falando aqui, neste momento que nós estamos falando do Brasil Sorridente, eu estou falando de um programa que faz parte do Brasil sem Miséria e que é para acabar com a pobreza extrema em nosso país? É porque, assim como na saúde a gente trata da pessoa inteira – nós tratamos do intestino, do estômago, do pulmão, dos olhos e da boca – também num país a gente trata das condições de vida integrais.

O que é que nós queremos? Nós queremos que as crianças tenham o mínimo necessário e que esse mínimo necessário dê condições dignas para ela e para sua família.

Nós queremos que os jovens tenham acesso à educação, nós queremos que tenham acesso aos dentes. Tudo isso, leva-nos a uma política integrada para todas as pessoas.

Eu fico muito feliz de estar aqui em Rio Pardo. Eu sei que a zona norte de Minas precisa

muito de desenvolvimento. Eu sei que esta região é uma região estratégica porque ela também se liga, ela é a ponte do Sudeste com o Nordeste.

Por isso, fiquei muito interessada e satisfeita quando soube que vão explorar o minério desta região, de uma forma a aumentar as oportunidades aqui em Rio Pardo e em toda a Região Norte.

Agora, eu queria falar uma coisa para vocês: aqui, eu vi muitas crianças, vi muitos jovens, vi muitas mulheres, e vi também muitos homens. Mas eu acredito que nós temos um compromisso com o futuro do nosso país, e esse compromisso, ele passa pelas crianças, ele passa pelos jovens. E isso, eu queria dizer e fazer uma observação sobre o Brasil Sorridente: no passado, a gente, os mais velhos, perdiam os dentes porque não tratavam, porque não tinham dinheiro, porque não podiam pagar o dentista.

Agora, não pode perder dente, não pode deixar que jovem perca os dentes, ou que criança não tenha acesso ao dentista. Então, eu vou fazer um apelo: junto com uma prótese, que a gente fala um mutirão de prótese – eu vou falar como o povo fala – junto com o mutirão de dentadura, nós temos de falar também no mutirão para tratar dos dentes de cada criança.

Melhorar a refeição melhora os dentes das crianças. Melhorar também o atendimento, aprender... isso que o nosso governador falou: não ter mais medo do dentista, não ter medo de sentar lá no consultório, porque ali o que ele vai fazer é um tratamento para garantir que nunca ele seja obrigado a botar prótese.

Então, eu estou falando aqui: aqueles que precisam, coloquem prótese, porque ela é fundamental, porque ela garante uma condição de vida melhor. Mas, sobretudo, vamos evitar que os jovens e as crianças sejam obrigados a perder seus dentes por falta de tratamento.

No mais, eu queria dizer a vocês que eu me orgulho, como o Juscelino, – vocês vejam, dois presidentes mineiros, o Juscelino e eu – de ter estado aqui nesta cidade.

Não vou esquecer vocês, não vou esquecer esta recepção.

E quero dizer para vocês que eu sei, e fico sempre muito feliz, de ver essa forma tão amigável que Minas recebe a gente. Um abraço para vocês.

Ouça a íntegra do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-da-ampliacao-do-programa-brasil-sorridente-e-mutirao-de-proteses-dentarias-rio-pardo-de-minas-mg-12min40s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-da-ampliacao-do-programa-brasil-sorridente-e-mutirao-de-proteses-dentarias-rio-pardo-de-minas-mg-12min40s>) (12min40s) da Presidenta Dilma.

14-08-2012 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, ao receber a bandeira olímpica e os atletas Yamaguchi Falcão e Esquiva Falcão

Brasília-DF, 14 de agosto de 2012

Presidenta: ... que recebeu a medalha... a medalha não, a bandeira, e com esses atletas aqui que receberam a medalha, e que honraram muito o Brasil e os brasileiros e as brasileiras. Porque, para nós, a Olimpíada tem esta característica: é um momento em que, todos nós, deixamos de nos preocupar com os problemas que cada um enfrenta, e assistimos uma das coisas muito importantes que o gênero humano inventou, que é a disputa esportiva, aquela disputa que não tem sentido além de ser o próprio espetáculo.

E por isso, nesses momentos, a gente tem de fazer uma reflexão sobre a importância dos atletas. Eu estou aqui com dois atletas, o Esquiva e o Yamaguchi, o Yamaguchi e o Esquiva. E, sabendo a história deles, eu fico assim muito emocionada, porque eu acredito que é uma história de superação, uma história que supera dificuldades porque tem, dentro de si, dentro do seu coração, dentro da sua cabeça um objetivo. E o objetivo deles era ser ganhadores de medalhas olímpicas, porque medalhas olímpicas são muito importantes. Eu estou falando medalhas olímpicas e não estou falando só ouro, só prata e só bronze, porque a distinção é essa. A distinção é um país ser premiado pela sua capacidade, pela sua expertise, pela sua arte, porque lutar boxe, além de ser uma luta, é uma arte, quando se trata de esporte olímpico.

Então, eu fico aqui muito honrada, primeiro, de estar com eles. Segundo, pela trajetória deles, e fico honrada também porque o Brasil conquistou nesta Olimpíada o 14º lugar em medalhas, aí somadas as de prata, as de bronze e as de ouro.

Eu acho que o Brasil tem um objetivo: nós queremos elevar o número de medalhas. Precisamos de atletas como o Yamaguchi e o Esquiva. Precisamos de pais e mães como os pais e as mães deles, o Touro Moreno, eu queria mandar, viu, por você uma lembrança para o Touro Moreno, porque um pai e uma mãe que tem dois filhos no mesmo esporte, tendo tirado duas medalhas, eles têm de ser homenageados por nós.

Então, eu fico aqui muito feliz. Eu fico emocionada de estar aqui com o governador Sérgio Cabral, com o prefeito Eduardo Paes, com o Nuzman, nosso presidente do Comitê Olímpico aqui no Brasil, e, sobretudo, de estar com os dois e os familiares dos nossos dois medalhistas.

E digo para vocês uma coisa: eu tenho certeza de que o exemplo deles é um exemplo para todos os brasileiros e as brasileiras – porque as brasileiras também podem lutar boxe e ganhar medalhas no boxe -, mas é um exemplo para que nós tenhamos o sonho, busquemos a superação desse sonho, sobretudo, que a gente teime. Eu acho que isso é um processo, e eu tenho certeza de que o ouro vai... nós vamos chegar ao ouro no Rio de Janeiro. Eu não

sei qual dos dois.

_____ : Os dois.

Presidenta: Pode ser os dois, ou os três, porque tem mais um, que é o Estivan. É Estivan ou é Estiva?

_____ : Estiva.

Presidenta: É o Estiva. Pode dar três, a gente nunca sabe, porque cada um... é mesmo, porque cada um é em uma categoria diferente, né?

_____ : (inaudível)

Presidenta: Isso. Então, a gente nunca sabe. Podemos ser... até chegar aquele momento em que a gente pode falar: nunca dantes na história do mundo. Então, um abraço para todo mundo, para todos os brasileiros que acompanharam as Olimpíadas, meus cumprimentos a todos os atletas que ganharam medalhas no Brasil, tanto os que ganharam medalha de bronze, como os que ganharam que ganharam medalha de prata, como os que ganharam medalha de ouro.

Eu acho que é uma conquista para o Brasil, e essa conquista para o Brasil é uma coisa que nós vamos perseguir de forma muito firme nas Olimpíadas, lá no Rio de Janeiro.

E, finalmente, eu queria cumprimentar todos os atletas. Eu estive com muitos deles lá em Londres. Eu vi os sonhos, eu vi a dedicação, e ser selecionado já para a Olimpíada já é uma grande coisa. E acho que é um acúmulo que nós vamos, a cada ano, melhorando, e a cada Olimpíada ganhando.

Um abraço para vocês.

Ouçã a íntegra das [palavras](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-ao-receber-bandeira-olimpica-e-os-atletas-yamaguchi-falcao-e-esquiva-falcao-brasilia-df-05min30s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/palavras-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-ao-receber-bandeira-olimpica-e-os-atletas-yamaguchi-falcao-e-esquiva-falcao-brasilia-df-05min30s>) (05min29s) da Presidenta Dilma.

15-08-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio do Programa de Concessões de Rodovias e Ferrovias

O Programa de Investimentos em Logística prevê a aplicação de R\$ 133 bilhões em 9 trechos de rodovias e em 12 trechos de ferrovias. Os investimentos do programa em aeroportos e portos serão anunciados em outra etapa

Brasília-DF, 15 de agosto de 2012

Eu queria cumprimentar o presidente do Senado Federal, o senador José Sarney.

Querida cumprimentar a nossa querida deputada Rose de Freitas, presidente interina da Câmara dos Deputados.

Cumprimentar os senhores chefes de missões diplomáticas acreditados junto ao meu governo.

Cumprimentar as senhoras e os senhores ministros de Estado aqui presentes, cumprimentando a ministra Gleisi Hoffmann, da Casa Civil; o ministro Paulo Sérgio Passos, dos Transportes; e todos os ministros que participaram da elaboração deste projeto, no que se refere a este plano de investimentos em ferrovias e rodovias.

Querida cumprimentar os senhores governadores aqui presentes: Agnelo Queiroz, do Distrito Federal; Jaques Wagner, da Bahia; Eduardo Campos, de Pernambuco; Geraldo Alckmin, de São Paulo; Antonio Anastasia, de Minas Gerais; Marconi Perillo, de Goiás; Silval Barbosa, de Mato Grosso; José Renato Casagrande, do Espírito Santo; João Raimundo Colombo, de Santa Catarina; Marcelo Déda, de Sergipe.

Querida cumprimentar as senhoras e senhores vice-governadores: Airton Pedro Gurgacz, de Rondônia; Beto Grill, do Rio Grande do Sul; Flávio Arns, do Paraná; Simone Tebet, do Mato Grosso do Sul.

Querida cumprimentar também as senhoras e os senhores governadores, aliás, senadores: Clésio de Andrade, presidente da CNT; Eduardo Braga; líder do governo no Senado; Cidinho Santos; Gim Argelo; Lúcia Vânia; Renan Calheiros; Tomás Correia; Rodrigo Rollemberg; Sérgio Souza; João Ribeiro; Acir Gurgacz; e Valdir Raupp.

Cumprimentar as senhoras e senhores deputados e deputadas federais, cumprimentando nosso líder do governo na Câmara dos Deputados, deputado Arlindo Chinaglia.

Querida agradecer e cumprimentar o ministro Benjamin Zymler, presidente do TCU, do Tribunal de Contas da União, por intermédio de quem cumprimento todos os ministros do TCU aqui presentes.

Dirigir um cumprimento muito especial ao professor Eliezer Batista, que muito me honra com a sua presença hoje, aqui.

Queria dirigir também eu cumprimento ao Robson Andrade, presidente da CNI, por intermédio de quem cumprimento todos os empresários.

Queria cumprimentar também as senhoras e os senhores representantes de agências, associações e institutos dedicados ao desenvolvimento da infraestrutura viária de transporte do país.

Queria cumprimentar os senhores presidentes das centrais sindicais: Vagner Freitas, da CUT; Wagner Gomes, da CTB; Ubiraci Dantas, da CGTB; José Calixto, da Nova Central; Miguel Torres, da Força Sindical.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

O Brasil, senhoras e senhores, a partir de 2003, adotou um modelo de desenvolvimento baseado no trinômio: crescimento, estabilidade e inclusão social. Poucas vezes na história, um projeto estratégico para o Brasil deu resultados tão positivos e também tão promissores. Nós crescemos, nesse período, a ponto de – com tudo que herdamos do passado – nos tornarmos a sexta economia mundial e termos condições de alcançar postos ainda mais avançados nesse ranking das economias desenvolvidas e emergentes no mundo.

Nós, sem dúvida nenhuma, preservamos nesse período a estabilidade econômica. Nós temos esse valor, que foi ter combatido e derrotado a inflação. Ao mesmo tempo, essa estabilidade econômica se expressou também no fato que nós pagamos o fundo monetário, que nós temos uma situação fiscal bastante estável e uma relação dívida/PIB... dívida líquida sobre PIB cadente.

Nós zelamos pelo rigoroso respeito aos contratos. Retomamos os investimentos com o Programa de Aceleração do Crescimento, em que pese a enorme lacuna existente no país no que se refere a planejamento, principalmente num país de dimensões continentais. Nós temos, como eu disse, sido disciplinos nos gastos.

Mais recentemente começamos a buscar juros compatíveis com a nossa situação macroeconômica e o tamanho e a importância de nossa economia e estamos convergindo para patamares próximos aos internacionais.

Na parte da inclusão social e do desenvolvimento social nós temos um resultado e temos de comemorar esse resultado principalmente em face da situação das economias desenvolvidas. O emprego cresceu, nós também asseguramos a ampliação da renda dos trabalhadores. Nós promovemos a ascensão de 40 milhões de brasileiros à classe média, nós estamos combatendo a miséria e reduzindo, sistematicamente, a miséria no nosso país. Temos talvez, uma das melhores tecnologias de inclusão social do mundo combinando Bolsa Família com um conjunto de programas que vai desde o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar, passando pelo Luz Para Todos, que levou eletricidade nas zonas mais remotas deste país e também, agora, com Água Para Todos. Nós criamos um dos maiores mercados internos de consumo do mundo.

Com esse modelo nós tornamos o Brasil um país menos desigual, apesar de muito restar para nós todos aqui presentes fazermos. Agora, graças a esse país menos desigual nós resistimos às fortes pressões das crises que vêm assolando os países desenvolvidos. O nosso modelo, ele deu certo e ele será preservado. Agora, preservá-lo é, necessariamente, aprofundá-lo. E isso requer que a gente dê outros tantos passos na direção deste aprofundamento de um modelo que consiste em estabilidade macroeconômica com crescimento, com inclusão social.

Nós, há dez anos, sabemos que estamos construindo, sim, um país mais justo. Agora nós temos de avançar na construção de um Brasil que, para continuar sendo justo, deve ter uma

economia cada vez mais competitiva, com boa infraestrutura, com custo Brasil reduzido porque o custo Brasil, hoje, é diferente do custo Brasil de 2003 que era o risco país de mil por cento. Um risco país que nós tínhamos que computar em todos os projetos de infraestrutura.

Eu disse mil por cento para enfatizar, pode ser dois mil por cento, de fato, está fora de todos os parâmetros que estamos acostumados a lidar. Essa economia mais competitiva ela vai ter de ter custos mais baixos. Por isso que nós estamos olhando a questão da infraestrutura. Não é só porque é necessário que nós ampliemos os investimentos para assegurar os empregos da nossa população, principalmente a parte da população que não tem cobertura da estabilidade. Nós estamos fazendo esse programa também porque nós precisamos encontrar o caminho da construção de uma infraestrutura que se porte e que se ofereça como sendo aquela mais módica possível.

Eu não estou fazendo aqui a demagogia da infraestrutura barata. Eu estou fazendo aqui a defesa da mais barata possível. E é possível. Obviamente, tem de levar em conta as nossas características, tem de levar em conta também para os empresários e tem de levar em conta, também, o fato de que nós queremos uma eficiência logística. Não é por ela em si, é porque nós queremos menor custo para quem produz, para quem paga impostos e – claro e fundamentalmente – que assegure mais e melhores empregos.

Nós estamos iniciando hoje nessa solenidade uma etapa da qual o Brasil vai sair mais rico e mais forte, mais moderno e mais competitivo. Uma etapa que dará à economia brasileira o tamanho que as necessidades de nossa população exigem. O Brasil terá, finalmente, uma infraestrutura compatível com o seu tamanho.

Por isso, nós propusemos a criação da empresa de planejamento e logística, certos de que ela é um passo fundamental desta nova etapa. Com ela, nós vamos recuperar a nossa capacidade de planejamento integrado na área logística. Vamos readquirir a capacidade de projetar, a médio e a longo prazo, um sistema de transporte eficiente e compatível com o desenvolvimento sustentável.

Começamos por ferrovias e rodovias, mas, obviamente, nós vamos cuidar de aeroportos, portos e hidrovias. Nós sabemos o papel estratégico dos portos, por exemplo, nessa articulação.

Ao falar de planejamento de logística como um fator de competitividade, eu aproveito para mais uma vez homenagear o doutor Eliezer Batista, defensor incansável da tese de que o encurtamento de nossas distâncias econômicas é decisivo para o desenvolvimento de nosso país e da América Latina. Com a empresa de planejamento e logística nós queremos pensar esse encurtamento das distâncias econômicas.

Um país continental como o Brasil precisa, sim, planejar os modais de transporte em conjunto, olhando os interesses do setor privado, sim, olhando os interesses de toda a população, buscando a integração dos modais e das cadeias produtivas, escolhendo as melhores opções para atender cada região conforme sua vocação produtiva e respeitada a sua configuração ambiental.

Está é uma tarefa de estado que vamos fortalecer em benefício da competitividade de nossa economia e da qualidade de vida de nosso povo.

Investimento, senhores e senhoras, é uma palavra-chave. Investimento para melhorar e expandir a infraestrutura logística, investimento para garantir a continuidade e aceleração do crescimento, e investimento para reduzir custos. Os R\$ 133 bilhões de investimentos que estamos anunciando hoje, eles são decisivos para desatar vários nós. E acreditamos que com os R\$ 42 bilhões que vamos aplicar duplicando 7,5 mil km de rodovias e também com os

nossos investimentos dos R\$ 91 bilhões nas ferrovias, construindo 10 mil km, nós vamos recuperar a nossa capacidade de articulação, principalmente, porque estamos resgatando um modal que, por vários motivos, ele esteve estagnado e paralisado, que é o modal ferroviário.

Hoje nós criamos o operador ferroviário independente. O que nós queremos é uma logística competitiva. Uma logística onde não tenha donos, haja uma neutralidade de quem vende capacidade em relação a quem transporta carga.

Nós pretendemos fazê-la junto com o setor privado. É o governo contratando a construção, a manutenção e a operação. É a Valec comprando capacidade, e, portanto, reduzindo o risco do negócio, que é o conjunto dos interessados –operadores de carga própria, operadores independentes e concessionários – utilizando toda a malha ferroviária existente e estabelecendo, em definitivo, o direito de passagem. Nós vamos continuar cumprindo o nosso papel de indutor do desenvolvimento. Nós vamos reforçar a capacidade do Estado de planejar, organizar a logística, e compartilharemos com o seu o setor privado a execução dos investimentos e a prestação dos serviços.

Aproveito este momento para falar aos investidores. O Brasil oferece, hoje, extraordinárias oportunidades de investimento em um ambiente de estabilidade econômica e institucional.

As parcerias que estamos propondo em rodovias, concessões e ferrovias PPP são muito atraentes em termos de rentabilidade, de risco e de financiamento. Meu governo reconhece as parcerias com o setor privado como essenciais à continuidade e aceleração do crescimento.

Essas parcerias nos permitirão oferecer bens e serviços públicos mais adequados e eficientes à população. Nós, aqui, não estamos desfazendo de patrimônio público para acumular caixa ou reduzir dívida. Nós estamos fazendo parceria para ampliar a infraestrutura do país, para beneficiar sua população e seu setor privado, para saldar uma dívida de décadas de atraso em investimentos em logística, e, sobretudo, para assegurar o menor custo logístico possível, sem monopólios.

O nosso propósito com este programa e os que anunciaremos na seqüência para aeroportos e para portos é nos unirmos aos concessionários para obter o melhor que a iniciativa privada pode oferecer em eficiência, e o melhor que o Estado pode e deve oferecer em planejamento e gestão de recursos públicos, e mediação de interesses legítimos.

Sempre priorizamos – repito mais uma vez – os interesse do país, os interesse do emprego, os interesse da inclusão e os interesses, portanto, de nossa população.

Ao encerrar, eu quero fazer uma analogia entre o país que lutamos para construir e o desempenho da nossa seleção feminina de vôlei nos Jogos Olímpicos. Eu já disse a vocês que como eu joguei vôlei, eu acompanho com muita paixão. As meninas do vôlei elas são exemplo. Elas são exemplos do que de melhor nós brasileiros temos, e sobretudo nossos atletas, que é ser dedicado ao que faz. Ser capaz de ao mesmo tempo jogar com paixão, mas com a cabeça. E buscando excelência, se renovando, sendo capaz de enfrentar a diversidade. E sendo capazes sem saber, porque quando você joga você não sabe o resultado. Sem saber qual é o resultado do jogo, persistir sempre e ser capaz de virar quando você perde uma jogada, sabendo que logo ali pode estar a vitória. Por isso, eu homenageio essas meninas, homenageando todo o povo brasileiro, porque quando parece que é impossível, elas tiram forças não se sabe de onde.

O nosso país também é assim. O Brasil tem um povo que não se amedronta diante de dificuldades, que enfrenta os desafios com coragem e determinação. Nós somos um governo que assume as suas responsabilidades e que está comprometido com medidas eficientes

para garantir o desenvolvimento sustentável.

Desde domingo, nós somos um país olímpico. Estamos em contagem regressiva para os jogos de 2016. Nós, hoje, iniciamos uma nova etapa do nosso modelo de desenvolvimento, na qual nós vamos dar um salto de qualidade, tanto na qualidade como na integração da logística do país.

Nós temos de ter uma logística eficiente para sermos uma economia muito mais competitiva, que seja capaz de diante das dificuldades internacionais continuar gerando emprego e garantindo renda para sua população. Sobretudo, nós temos de crescer para poder distribuir. Nós precisamos de ser um país com taxas de crescimento compatíveis com a necessidade de distribuição de renda.

Muito obrigada.

Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-do-programa-de-concessoes-de-rodovias-e-ferrovias-brasilia-df-22min21s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-do-programa-de-concessoes-de-rodovias-e-ferrovias-brasilia-df-22min21s)(21min22s) da Presidenta Dilma

17-08-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da nova unidade industrial de PVC da Braskem

Com capacidade produtiva de 200 mil toneladas anuais do produto, a implantação da unidade coloca Alagoas na condição de maior produtor de PVC do país

Marechal Deodoro-AL, 17 de agosto de 2012

Eu queria cumprimentar o governador do Estado de Alagoas, Teotonio Vilela Filho.

Cumprimentar também o vice-governador do Estado de Alagoas, José Thomaz Nonô, desejar-lhe feliz aniversário.

Cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham aqui em Alagoas: o ministro Fernando Pimentel, de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão; o ministro do Gabinete de Segurança Institucional, general José Elito Siqueira; a ministra da Secretaria de Comunicação Social, Helena Chagas.

Queria também cumprimentar o presidente do Tribunal de Justiça de Alagoas, o desembargador Sebastião Costa Filho,

Os senhores senadores Benedito de Lira e Renan Calheiros,

Os deputados federais Givaldo Carimbão e Vanderlei Siraque,

O senhor Carlos Fadigas, presidente da Braskem,

A presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster,

O presidente da Odebrecht, Marcelo Odebrecht, presidente também do conselho da Braskem.

Queria cumprimentar o presidente da Associação dos Municípios de Alagoas e prefeito de Cajueiro, Antônio Palmery Melo Neto.

Um cumprimento especial ao Roberto Serafim da Silva, que representa neste ato os trabalhadores da Braskem aqui presentes, e por intermédio dele eu saúdo todos aqueles que participaram da construção deste grande projeto.

Queria cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas fotógrafos e cinegrafistas.

Eu tenho certeza de que essa inauguração da planta da Braskem, que aumenta a capacidade do nosso país de produzir PVC, é um momento muito importante. E é importante basicamente por dois motivos que se encontram aqui hoje: o primeiro é o fato de que nosso país tem tido empresários que continuam investindo mesmo considerando o cenário internacional, e é por isso que o Brasil hoje continua sendo um dos países que mais vai

crescer e que tem tido uma postura de combate à crise que se caracteriza pela ampliação do investimento. E também pelo fato de que aqui nós estamos num dos estados do Nordeste do país, onde nós estamos vendo o surgimento de uma nova cadeia produtiva da indústria de plástico aqui no estado.

Esses dois fatos são muito simbólicos no Brasil de hoje. E são simbólicos, primeiro, porque essa nova unidade fabril, ela adiciona mais um capítulo numa história de sucesso que foi a retomada da indústria petroquímica em nosso país.

E aí eu quero lembrar o presidente Lula porque foi durante o governo do presidente Lula que nós tivemos a possibilidade de construir um novo caminho no qual a indústria petroquímica brasileira, cada vez mais ... competitiva internacionalmente.

Por isso, eu acredito que esse investimento da Brasken, ele constrói um capítulo na história da nossa indústria que é o fato de que temos progressivamente (incompreensível) um player internacional, um agente internacional, uma empresa internacional e que tem condições de atuar em igualdade de condições com outros representantes da indústria petroquímica no mundo.

Hoje mais uma etapa se completa aqui. Aqui em Alagoas nós estamos vendo que surge uma fábrica de PVC que tem a ver com a mudança do nosso país. Com a mudança e com a construção e com a capacidade de ampliação de um novo caminho, que implica em desenvolver e incluir socialmente. Esse caminho que é responsável pela construção de um grande mercado interno e um grande mercado interno que é um grande demandador de produtos plásticos. Porque o PIB pode ser lido também pela importância que tem a indústria de plásticos na medida em que ela está em vários seguimentos industriais e também que ela faz parte dos bens de consumo duráveis, semiduráveis, que a população, quando a renda aumenta, demanda.

Portanto, aqui nós vemos um lugar em que de forma virtuosa se combinou o crescimento econômico e a inclusão social e também a distribuição regional da renda. Porque o Brasil tinha o hábito de crescer de forma concentrada. Não crescia no Norte e no Nordeste do país.

Hoje, nós estamos aqui comemorando a maior planta de PVC que não está localizada nas regiões tradicionais, mas sim, junto, primeiro, à cadeia de matéria-prima. Com isso, nós estamos racionalizando a logística, com isso nós estamos, também, beneficiando com emprego e renda, uma região importante.

Por isso o governo considera e comemora uma informação que me deram que é uma ampliação da cadeia de plástico aqui na região. A ampliação da cadeia de plástico aqui na região ela faz todo o sentido econômico e social. Econômico, porque sem dúvida o Nordeste tem sido a região com taxas de crescimento muito mais altas do que a média do Brasil. E portanto, aqui também há um grande mercado consumidor. Mas, sobretudo, porque estar no Nordeste vai ter de significar estar no Brasil. E por isso eu acredito que nós estaremos dando uma grande contribuição com o programa de ferrovias e rodovias em que vai colocar o Nordeste e o Brasil, em todas as suas regiões, dentro um do outro.

Queria também dizer que há uma iniciativa muito importante aqui de duas empresas. Numa parceria que eu acredito, fantástica, em termos de seus resultados. Que é entre a Odebrecht e a Petrobrás. E essa parceria que dá origem à empresa extremamente competitiva que é a Braskem, ela produz para o Brasil resultados muito vantajosos, porque diminui também a nossa importação de PVC, e nos torna, crescentemente, competidores internacionais nessa área. Por isso, também por esse lado, nós temos uma situação muito especial aqui hoje.

E eu aproveito a oportunidade para dizer que o nosso país, de fato, ele adotou um modelo

que é um modelo vencedor, que nos trouxe até aqui. É um modelo com estabilidade macroeconômica, onde nós conseguimos controlar a inflação. Nós viemos, crescentemente, reduzindo os juros do país aos níveis praticados internacionalmente. Nós estamos com uma situação cambial que não é mais aquela valorização artificial do Real praticada nos períodos anteriores. E temos também, hoje, um objetivo muito importante do qual também essa fábrica faz parte, que é produzir cada vez de forma mais competitiva.

Essa é uma fábrica que está adotando o chamado estado da arte. Isso significa produzir mais, com mais eficiência e de forma a garantir preços competitivos.

Nós, hoje, estamos muito preocupados, no governo, com a questão do custo e da competitividade da indústria, por isso estamos fazendo uma série de atividades e programas que têm por objetivo reduzir o custo logístico do país.

A primeira etapa foi com o programa de investimento em rodovias e ferrovias. Na sequência, nós faremos um de portos e aeroportos, e também iremos mudar o patamar de custo da energia elétrica praticado no nosso país.

Como vocês têm acompanhado, nós também temos tido uma grande preocupação com a redução de tributos, e temos tido um conjunto de iniciativas para chegar a essa redução de forma, eu diria, mais horizontal.

Esse é um objetivo que o governo irá perseguir. Mas nós ainda temos um conjunto de desafios a encarar, no momento em que nós estamos vendo que o Brasil começa a reagir de forma mais significativa aos estímulos que o governo, desde o ano passado, vem fazendo para assegurar que esse país continue produzindo os empregos necessários e a renda necessária para que a sua população cresça, de forma a garantir um crescimento que seja um crescimento de renda, um crescimento de patamar de satisfação para o conjunto da nossa população.

E aí eu quero finalizar dizendo que nós vamos continuar estimulando a expansão da indústria aqui no Estado de Alagoas, vamos apoiar o turismo nas lindas e belíssimas praias dessa região, como a Praia do Francês, vamos continuar a fazer as obras necessárias para o desenvolvimento de Alagoas, como é o caso de uma obra que nós temos grande empenho, que é o Canal do Sertão alagoano, porque ele resolve de uma forma mais estruturante a questão da relação do povo de Alagoas com a seca. Nós queremos que, em que pese não controlarmos essa questão, que é da natureza, nós temos como minimizar através de obras da dimensão do Canal do Sertão alagoano, da dimensão também de levar a água pra todos, o que é muito importante.

E, sobretudo, eu queria dizer que o governo federal tem uma grande preocupação, também, no que se refere à questão da população mais fragilizada que recebe hoje ainda um nível de renda que nós não consideramos compatível com o queremos para o Brasil como um todo. Eu me refiro, aqui, aquela população que no nosso país ainda vive em situação de pobreza extrema. Que nós estamos ampliando o Bolsa Família e aumentando para essa população, principalmente para aquelas crianças, de zero a seis anos, nós queremos garantir para elas uma melhor distribuição de renda e, para isso, tem de aumentar a renda da família. Mas – falando da criança – eu queria dizer que nós estamos focados em assegurar trabalho para os adultos, mas para as crianças nós temos de ter uma preocupação específica. Eu queria dizer que nesse ano nós estaremos com os olhos voltados, aqui, para a situação educacional de Alagoas, no sentido de aumentar e de melhorar o desempenho das crianças.

E estamos fazendo porque todo o país que se desenvolveu teve educação em tempo integral. Todo o país. Não houve um país que tenha se desenvolvido e passado da condição de país pobre para a condição de país desenvolvido sem apostar em educação em tempo integral. E

nós iremos fazer, e estamos já fazendo um esforço, de dirigir a educação em tempo integral para aquelas camadas da população mais pobres do país. Com isso, nós esperamos dar aqui uma grande contribuição no sentido da melhoria da condição dos jovens e das crianças.

E, finalmente, eu queria dizer que aqui no berço de um grande brasileiro que é, sem dúvida alguma, o proclamador da República, o Marechal Deodoro da Fonseca, eu me solidarizo a todos os ilustres alagoanos falados pelo governador Teotônio Vilela. Mas queria acrescentar um que eu acho que ele de forma deliberada e discreta não se referiu. Eu me refiro ao nosso grande democrata, senador Teotônio Vilela, que nós todos lembramos com orgulho e encantamento.

Agradeço a atenção de todos vocês. Cumprimento mais uma vez os trabalhadores, a Braskem, a Odebrecht e a Petrobras. Muito obrigada e recebam um beijo no coração.

▣
Ouçã a íntegra do discurso (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-inauguracao-da-nova-unidade-industrial-de-pvc-da-braskem-marechal-deodoro-al>)(17min) da Presidenta Dilma.

27-08-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia nacional de premiação da 7ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas - Obmep/2011

Na Obmep, os alunos participantes recebem medalhas de ouro, prata e bronze de acordo com sua classificação nas provas, que serve ainda como critério para o programa Ciência sem Fronteiras

Rio de Janeiro-RJ, 27 de agosto de 2012

Primeiro eu queria cumprimentar, aqui, todos os medalhistas e as medalhistas, os pais, as mães e a família de cada um.

Queria cumprimentar o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Os ministros aqui presentes: Aloizio Mercadante, da Educação; Marco Antônio Raupp, da Ciência e Tecnologia; e o general José Elito Carvalho Siqueira, do Gabinete de Segurança Institucional.

Queria cumprimentar e me dizer muito honrada de estar cumprimentando esse brasileiro dedicado, que é o professor César Camacho, diretor geral do Instituto de Matemática Pura e Aplicada. Ele fala com um pouco de sotaque, mas ele é um brasileiro, nascido e criado nas escolas deste país. Então, ele é um brasileiro.

Doutor Jacob Palis, presidente da Academia Brasileira de Ciências,

Helena Nader, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência,

Professor Hilário Alencar, presidente da Sociedade Brasileira de Matemática,

Professor Claudio Landim, coordenador geral da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas,

Senhores secretários estaduais aqui presentes, tanto da Educação como de Ciência e Tecnologia,

Fora disso, eu queria cumprimentar os nossos queridos estudantes vencedores da 7ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. E queria cumprimentar também os professores de cada um, porque é essa interação entre estudante e professor, não tenham dúvida, é a (incompreensível).

Queria cumprimentar também os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Sem dúvida nenhuma, (incompreensível). Nos emociona porque aqui nós sabemos bem (incompreensível) o fato de que cada uma e que cada um dos estudantes que, como sabem, (incompreensível). Muito se fala em superação porque, como todos nós sabemos, (falha no áudio).

Tirando a brincadeira, na verdade nós sabemos que o Brasil precisa muito disso. Nós precisamos muito imensamente... Hoje resolveram, eles resolveram, na minha hora... Está vendo, Sérgio? Na minha vez... Eu não vi isso ocorrer com nenhum deles, ocorreu comigo.

Bom, mas voltando ao que eu estava dizendo: eu acredito que o Brasil precisa muito, mas muito....do que nós estamos vivenciando aqui hoje.

E é por isso que, como presidenta da República, eu vim aqui e eu tenho a responsabilidade, perante o país, de reconhecer a importância desses medalhistas, desses estudantes, desses 19 milhões que fizeram esse concurso, dos professores que participaram. Sabem por quê? Porque nós só vamos dar os necessários passos à frente quando nós conseguirmos generalizar, por todo o Brasil, esse amor, essa vocação científica... É só baixando, vocês notaram? É que a regulação é manual.

O ruim disso é porque eu acredito que essa parte do que eu quero falar para vocês, ela é muito importante, que é o seguinte. Nós sabemos, principalmente o pessoal, as mães, os pais de vocês, que passaram por um outro Brasil, que não é bem este Brasil que hoje nós estamos vivendo, mas que sabem também que tem muita coisa ainda que nós precisamos de realizar neste Brasil.

É verdade que nós conquistamos muito. Nós somos, hoje, um país que tirou 40 milhões de pessoas da pobreza; nós somos um país que deu passos largos no sentido da melhoria e da garantia de emprego e renda para a sua população; nós demos passos largos em várias direções, criando um país muito mais rico e com muito mais oportunidades. Mas sabemos também que tem um acúmulo de miséria ainda neste país, que nós temos que superar. Nós ainda temos 16 milhões de brasileiros – hoje menos –, mas até 2010 – a próxima pesquisa vai indicar quantos ainda restam –, até 2010 eram 16 milhões de brasileiros que ainda viviam em estado de extrema pobreza.

Nós sabemos que o nosso país tem de tirar essas pessoas da pobreza e, ao mesmo tempo em que tira pessoas da pobreza, ele tem de garantir a riqueza. O que é a riqueza? Ele tem de garantir que uma parte grande do país, primeiro, seja de classe média; segundo, tenha oportunidades; terceiro, tenha um nível educacional similar ao dos países desenvolvidos.

Nós fizemos esse programa Ciência sem Fronteiras foi para começar a encurtar um pouco o caminho. Muitas vezes você não consegue encurtar completamente um caminho, mas, nesse caso, nós conseguiremos encurtar o caminho aumentando a oportunidade de jovens como vocês, de estudar nas melhores universidades de todo o mundo. Isso vai permitir um nível de conhecimento de vocês, um nível de absorção do Brasil, porque nós acreditamos que os brasileiros têm uma inata criatividade e essa criatividade, somada à ciência, ela pode resultar numa coisa fantástica chamada inovação, e é isso que nós queremos quando financiamos cem mil bolsas, até 2014, para estudantes brasileiros irem para o exterior.

Eu falo isso porque nós sabemos que o medalhista de ouro, o medalhista de ouro da Olimpíada da Matemática, ele tem plenas condições de, primeiro, chegar a pleitear uma oportunidade no Ciência sem Fronteiras. E é isso que eu quero chamar a atenção de vocês, o Mercadante já fez, mas eu quero chamar mais a atenção. Por que nós precisamos disso? Porque este país, ele tem de, ao mesmo tempo, combater a miséria e, ao mesmo tempo, gerar ciência, tecnologia e inovação na sua indústria, no seu setor de serviços, de tecnologia da informação, de TI, por exemplo, em toda a área de informática, mas também na área

agrícola. Nós, hoje, somos uma das maiores potências agrícolas do mundo porque apostamos na pesquisa científica, apostamos na criação de métodos diferenciados para produzir e para ampliar a produtividade do nosso país.

Por isso, eu tenho certeza de que aqui hoje nós estamos diante de um caminho, de uma trajetória, uma trajetória de vida, mas também uma trajetória e um caminho para o Brasil. É muito bom quando o caminho do Brasil passa pelas nossas vidas. O caminho do Brasil passa pela vida de cada um de vocês. É a vida de vocês, sendo bons profissionais, cientistas, tecnólogos, inovadores, professores, que vai permitir que o Brasil cresça num caminho de desenvolvimento.

Eu fico muito feliz de conhecer histórias que mostram... porque a história tem essa capacidade de sintetizar a situação de um país. Eu queria destacar, aqui, duas belas histórias, antes de encerrar. Uma é de um rapaz e outra de uma moça. O rapaz se chama Indiana Jones e a moça se chama Maria Clara. O Indiana Jones recebeu hoje sua primeira medalha de ouro e, como o herói do cinema, ele tem também, pela frente dele, uma aventura e um desafio. Eu cito a história dele porque ele parou de estudar e foi convencido, se não me engano, pelo seu padrasto, a voltar a estudar. E, a partir da matemática, ele voltou a estudar, depois de quatro anos parado, e ganhou medalhas e, agora, tem uma outra perspectiva de vida.

A Maria Clara, ela tem uma porção de medalhas que ela conquistou. E ambos mostram que há um esforço na vida deles, no sentido de superar as limitações que neste país tinha, para todo mundo que não nascia em berço de ouro e que não tinha sangue azul. E aí nós entramos nessa questão das universidades. É muito importante que vocês demonstrem que a universidade, ela é um lugar também para os alunos que provêm das escolas de ensino público. Aqui hoje eu vi – e eu pergunto sempre “como é que você chama? onde você estuda?”, nessa maratona que é recepcionar todos vocês – e eu percebi que muitos vêm de escolas estaduais, municipais, e muitos de colégios militares, o que eu acho uma coisa muito relevante, que demonstra, na parte, no quesito dos colégios militares, uma contribuição que está sendo dada para a formação de bons alunos pelos colégios militares. E também um estímulo para que isso de expanda e se multiplique. Em algumas regiões é, assim, quase dominante a origem dos estudantes medalhistas.

Mas o que eu queria dizer é que a escola pública, ela tem um aspecto que é sempre dar oportunidades para aquela faixa da população que teoricamente não nasceu com todas as condições que, no Brasil do passado, eram aquelas que dava condição de sucesso. Nesse Brasil de hoje, o que nós queremos é que o sucesso advenha da meritocracia. E aqui, hoje, é uma festa da meritocracia, do mérito, de um conjunto de jovens meninas e meninos que, por sua capacidade – e ninguém aqui perguntou quem era o pai, quem era a mãe, quanto ganhava e quem era a família –, o que nós estamos vendo é o esforço de cada uma e de cada um ultrapassando as barreiras que a vida impõe a cada um de nós, seja aonde, no país, a gente nasça. Mas esse mérito é um mérito importantíssimo para todos nós. Esse é o caminho do Brasil. O Brasil precisa de ciência, precisa de mérito e precisa de muito esforço e dedicação.

Por isso, eu cumprimento os jovens aqui presentes, cumprimento os professores e também os pais. Eu sou mãe e sei a quantidade de orgulho que tem uma mãe, aplaudindo seu filho ou sua filha, aqui recebendo medalha, e também um pai, óbvio. Mas eu falo pelo meu ponto de vista de mãe. Tenho certeza de que muitos olhos, hoje, se encheram d'água, e se encheram d'água porque é uma das maiores emoções a gente ver um filho saindo de casa, no rumo, no bom rumo da vida e indo viver da melhor condição possível. Obviamente, quem ganha uma medalha de Matemática, quem ganha duas medalhas de ouro de Matemática, quem ganha

tantas medalhas como aqui nós premiamos, são pessoas que encontraram, eu digo, o passo certo para dar a primeira entrada na vida.

Daí por que eu cumprimento cada um e cada uma, e quero dizer, de coração: o Brasil todo sabe que a educação é a solução. A gente olha para uma família pobre, o que é a solução para os adultos da família? A solução para os adultos da família é o Brasil ser capaz de gerar e criar emprego, o Brasil ser capaz de criar e gerar oportunidades, abrindo pequenas empresas, mini negócios, mas oportunidade para a criança e para o jovem é só uma: educação, educação e mais educação.

Por isso, nós hoje, aqui, estamos diante da geração que vai me substituir... nos substituir aqui, todos aqui que estão sentados neste palco. Aqui só tem duas mulheres. Vai ter mais mulheres depois, neste palco. Há sempre, viu, gente, há sempre a primeira vez. Há sempre a primeira vez, e depois da primeira a gente sabe que a coisa só vai.

Por isso, eu tenho certeza que cada um de vocês tem um compromisso que é nos substituir da melhor maneira possível, e muito melhor do que nós fizemos. Está na mão de vocês, é o futuro de vocês e isso é assim, é que nem aquela passagem da corrida, que é passa o bastão, não é? A arte é passar o bastão. A arte não é só correr. A arte é passar o bastão. Eu espero que a minha geração saiba passar o bastão para todas as gerações que vêm depois de nós.

Muito obrigada.

▣
[Ouça a íntegra do discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-nacional-de-premiacao-da-7a-olimpiada-brasileira-de-matematica-das-escolas-publicas-obmep-2011-rio-de-janeiro-rj-15min30s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-nacional-de-premiacao-da-7a-olimpiada-brasileira-de-matematica-das-escolas-publicas-obmep-2011-rio-de-janeiro-rj-15min30s) (15min30s) da Presidenta Dilma

29-08-2012 - Palavras da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a sanção do projeto de cotas sociais

Palácio do Planalto, 29 de agosto de 2012

Boa tarde a todos.

Eu queria fazer, sobretudo, um agradecimento aos senadores Ana Rita, Paulo Paim e Lobão Filho, que participaram do processo de construção dessa lei que hoje foi sancionada, e aos deputados Carlos Abi Khalil e Nice Lobão. À Nice Lobão eu quero fazer um agradecimento especial porque ela é a autora inicial do projeto.

E, por isso, eu queria também dizer para vocês uma coisa. A importância desse projeto e o fato de nós sairmos da regra e fazermos uma sanção especial tem a ver com um duplo desafio. Primeiro é a democratização do acesso às universidades e, segundo, o desafio de fazer isso mantendo um alto nível de ensino e a meritocracia.

O Brasil precisa de fazer face a esses dois desafios, não apenas a um. Nada adianta eu manter uma universidade fechada e manter a população afastada em nome da meritocracia. Também de nada adianta eu abrir universidade e não preservar a meritocracia.

Por isso, hoje nós estamos aqui celebrando dois... aliás, celebrando, num momento, duas ações: uma pelo mérito e outra pela democratização do acesso à universidade brasileira.

Um abraço a todos, aqui, que compareceram. Agradeço ao ministro Lobão; a nossa querida ministra da Igualdade Racial, a Luiza Bairros; agradeço ao Mercadante e agradeço também à Ideli Salvatti. E, mais uma vez, eu cumprimento o Congresso por essa iniciativa.

Obrigada, senadores e obrigada, deputados. Todos os senhores contribuíram para este país dar um passo à frente.

Ouçã a íntegra das [palavras](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-de-palavras-proferidas-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-sancao-do-projeto-de-cotas-sociais-brasilia-df-02min18s) (<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-de-palavras-proferidas-pela-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-sancao-do-projeto-de-cotas-sociais-brasilia-df-02min18s>) (02min18s) da Presidenta Dilma

30-08-2012 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a 39ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)

Brasília-DF, 30 de agosto de 2012

Eu queria iniciar cumprimentando todos os conselheiros e todas as conselheiras.

Cumprimentar o ministro Wellington Moreira Franco, da Secretaria de Assuntos Estratégicos, e o ministro Guido Mantega, em nome dos quais eu cumprimento todos os ministros aqui presentes, e as ministra.

Cumprimentar o Antoninho Trevisan, presidente das empresas Trevisan,

O Artur Henrique, ex-diretor de Relações Internacionais, ou atual diretor de Relações Internacionais? Atual... diretor de Relações Internacionais da Central Única dos Trabalhadores,

A querida companheira Tânia Bacelar, professora da Universidade Federal de Pernambuco,

E em nome deles em cumprimento cada um e cada uma dos integrantes do Conselho.

Cumprimentar também aqui os participantes, os presentes a esta reunião,

Os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Mais uma vez dou as boas-vindas aos conselheiros e conselheiras que tomam posse hoje. Agradeço àqueles que aceitaram o convite para a continuidade de sua participação neste conselho.

Este conselho foi um interlocutor privilegiado no governo do presidente Lula. Este conselho será um interlocutor privilegiado na minha gestão. A minha expectativa é que essa parceria seja uma parceria frutífera, que nós, juntos, possamos discutir os melhores caminhos para o crescimento, o desenvolvimento, a distribuição de renda, e – como disse o Trevisan -, o “desengargalamento”.

Nós sabemos que uma das características mais avançadas deste conselho é o fato de que ele afirma a capacidade do Brasil de nós constituirmos um fórum democrático, com um debate em que não é a concordância que leva à escolha dos presentes, mas são as diferentes posições que permitem que nós construamos o consenso mais rico e criativo.

Desde nossa última reunião, o cenário econômico internacional, como todos nós acompanhamos, se deteriorou muito. Nós sabemos que, hoje, a crise atingiu, de forma bastante profunda, os Estados Unidos, mas de uma forma muito crônica a União Europeia. E mesmo os países do grupo BRICS não ficaram fora dos seus efeitos.

Nós estamos, de fato, tomando um conjunto de medidas para fazer face a essa conjuntura, ao mesmo tempo em que construímos as estratégias e as ações para enfrentá-la e para enfrentar o futuro.

Nós não permitimos que os nossos olhos sejam olhos só de curto prazo, porque nós não teríamos conseguido – como fizemos no passado –, e não teríamos conseguido – como estamos fazendo neste momento –, enfrentar as características mais permanentes dessa crise que chegou.

Primeira questão que eu acho que é importante sinalizar: nós não alteramos a receita que nos trouxe até aqui, que é o estímulo à produção e ao investimento e fortalecimento das nossas políticas sociais. De fato, o nosso modelo é um modelo de crescimento com distribuição de renda.

Nós partimos de uma política de transferência de renda muito bem-sucedida, que foi aquela que herdamos do governo do presidente Lula, que se caracterizou pelo aumento do emprego, pela garantia de oportunidades para os pequenos e os médios agricultores, ao mesmo tempo reforçava os grandes, pela valorização do empreendedorismo, pelo fato de que o Brasil precisava, também de ter uma política de garantia de saída da miséria para milhões de pessoas.

Por isso, nós aprofundamos as políticas que herdamos do governo do presidente Lula. Primeiro, implementamos o Brasil sem Miséria, que no seu primeiro ano já coleciona resultados muito bons. Para citar alguns números, incluímos mais de 770 mil famílias no Bolsa Família, graças à tecnologia de Busca Ativa. Porque o Bolsa Família é um programa social com uma grande tecnologia. Primeiro, ele consiste numa relação de cidadania, em que não há intermediários e que as pessoas, as famílias, sobretudo as mulheres, recebem um cartão. Mas também, agora, nós ampliamos essa tecnologia – inclusive estamos exportando para vários países que querem adotar – que é a Busca Ativa. Ao invés do Estado esperar pacificamente que as famílias mais pobres nos procurem, nós procuramos as famílias mais pobres.

Eu tenho muito orgulho de estar fazendo o Brasil sem Miséria, que congrega um conjunto de políticas. Nós temos feito um grande esforço no sentido de enfatizar a incidência do Brasil sem Miséria sobre situações que de outra forma seriam extremamente dramáticas. Eu chamo atenção, aqui, para a situação da seca no Nordeste. Se nós não tivéssemos expandido o Bolsa Família e estruturado todas as formas de suporte do produtor, nós teríamos perdido, nessa conjuntura agora, as conquistas que levamos nove anos construindo. Aqui eu me refiro às cisternas, me refiro a todos os benefícios que tivemos para proteger essa população que é a mais frágil, por exemplo, da seca.

E queria destacar o Brasil Carinhoso. Porque o Brasil Carinhoso é um grande avanço porque ele incide sobre a distribuição de renda por faixa etária no Brasil, que é uma distribuição de renda, como aqui o professor Marcelo Neri sempre nos mostrou – e eu quero dar as boas-vindas a ele –, sempre nos mostrou que ela é muito perversa para as crianças e os jovens, porque eles têm pouco poder de mobilização social. E há uma distribuição extremamente desigual se a gente olhar por faixa etária. Isso é extremamente grave, porque um país tem de cuidar da construção da nacionalidade e ela passa por crianças e jovens.

Uma vez eu disse – e eu digo em todas as vezes que eu trato desse assunto e por isso eu vou repetir – que é inadmissível que um país só olhe o PIB. Ele tem de olhar o PIB, mas tem de olhar o que faz para as crianças e os jovens. Porque quando a gente fala que nós temos de ter uma estratégia de médio prazo e de longo prazo e de futuro, passa, por exemplo, por incidir sobre essa distribuição desigual da renda por faixa etária. Por isso, nós fizemos o

Brasil Carinhoso, que consiste numa ideia simples, que é distribuir 70 reais para todas as famílias que têm crianças de zero a seis anos. Porque não existe outra forma de você atingir a criança, se você não atingir o conjunto da família. Portanto, essa é a forma de dar voz e ouvidos a essa desigualdade na distribuição de renda no nosso país.

Nós também, em parceria com as prefeituras, fizemos e vamos fazer até 2014 um programa muito forte de creches e de pré-escolas. Porque significa criar para as crianças dessas famílias mais oportunidades e mais igualdade para o seu desenvolvimento. Também assim, estamos apostando numa estratégia de médio... de curto, médio e longo prazo. Aliás, eu acredito que essa tem de ser a estratégia de um governo e que deve mover todas as suas políticas. Enfrentar um desafio no atual momento para construir as bases de um futuro ainda melhor para cada um dos brasileiros e das brasileiras.

Um outro exemplo dessa estratégia, que tem a ver com uma questão que, para nós todos, tem de ser muito cara é que ao mesmo tempo que a gente combate a pobreza, este país complexo exige que você tenha políticas para agregar valor, aumentar competitividade e aumentar a capacidade do país de gerar e produzir ciência, tecnologia e inovação. Entre as várias parcerias que nós temos feito, e aí eu quero cumprimentar aqui o Robson Andrade pelas parcerias que nós fazemos com a CNI, eu queria chamar a atenção para uma delas, que está sendo bem sucedida que é o Ciência sem Fronteiras. Em julho do ano passado eu estive aqui para falar deste programa, porque ele oferece bolsas para os melhores estudantes brasileiros, nas melhores universidades do exterior para que nós possamos dar um salto e criar também um acúmulo, uma massa crítica que vai permitir que o Brasil gere várias Embrapas. E que nós possamos dar uma contribuição, tem outras, que eu acho que estão sendo feitas pela nossa indústria, num salto em direção à economia do conhecimento.

Veja bem que nós conseguimos bons resultados. Primeiro, é uma parceria feita entre o setor público e o setor privado que hoje garante 101 mil bolsas até 2014. Nós já concedemos, nos seis meses que o Bolsa Família [Ciência sem Fronteiras] teve de duração, 14.900 bolsas, e, dessas 14 mil, metade tem estudantes no exterior.

Eu queria também aproveitar e fazer um anúncio. Como um excepcional reflexo do Ciência sem Fronteiras, a partir de hoje até 5 de setembro, 66 universidades dos Estados Unidos participarão das feiras estudantis em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Essas universidades querem receber, pelo menos, 1/5 dos bolsistas do Ciência sem Fronteiras, um movimento que, certamente, vai trazer desdobramentos mais positivos para a relação bilateral entre as nossas sociedades. Sociedades de duas importantes economias. Porque hoje nós somos uma importante economia.

Essa, para mim, é a maior e mais importante missão de universidades americanas. E sem dúvidas, de todos os tempos. Aliás, nunca houve uma missão com tantas universidades americanas juntas, em nenhum lugar do mundo. O que mostra o reconhecimento e a valorização do esforço que juntos nós estamos fazendo. É importante lembrar que o Ciência sem Fronteiras não é uma ação isolada. Ele se soma à expansão da rede de universidades federais, ao Prouni e a melhoria das condições de financiamento oferecidas pelo Fies. Fies, que é o nosso sistema de financiamento que tem conseguido um excelente resultado nesses últimos meses. E faz parte da nossa política de ampliar e democratizar o acesso ao ensino superior no Brasil.

Ao mesmo tempo, também em parceria com o Senai e todos os órgãos que se interessem por isso, estamos cuidando da expansão do ensino técnico, do fortalecimento do ensino médio e da ampliação da capacidade do Estado de oferecer mais e melhores oportunidades de qualificação profissional por meio do nosso Pronatec.

Agradeço a todas as federações de indústria, a CNI mais uma vez, pelo fato de nós estarmos conseguindo desenvolver esse programa com todas as dificuldades que nós sabemos que significa massificar com qualidade o ensino técnico no Brasil.

Nós não temos dúvidas que temos que avançar ainda muito na educação. Nós precisamos garantir às nossas crianças e adolescentes e aos trabalhadores brasileiros, por exemplo, a chance de uma formação, em todos os níveis, de qualidade. Porque para consolidar o desenvolvimento do Brasil no século XXI nós vamos precisar de educação. E aqui eu faço um parêntesis.

Nós, o governo brasileiro, é sempre a favor de investimentos na educação. E somos a favor de investimentos que tenham fonte de recursos. Por isso, nós concordamos em todas as políticas que impliquem viabilizar que o Brasil possa gastar mais em educação, possa até manter um meta de dobrar até 2022, desde que tenha recursos para fazê-lo. Porque, caso contrário, nós estaríamos praticando uma imperdoável demagogia com uma questão essencial para o país, que é a educação. Por isso, eu considero que seria muito oportuno que nós, no Congresso Nacional, aprovássemos o uso dos royalties e uma parte do Fundo Social para garantir que esses recursos existam. Porque, caso contrário, seria através da geração de impostos.

Mas nós temos esses recursos passíveis de serem usados. Então eu acredito, primeiro, que o correto é fazer isso daqui pra frente, sem mexer nas receitas anteriores do petróleo. Mas fazer isso daqui pra frente de uma forma bastante universal no Brasil, porque a educação não é uma coisa deste ou daquele ou de outro município ou estado. É uma coisa geral para o país. Então, além dos royalties, eu acho que é muito justo que uma parte do Fundo Social, que aquele que nós construímos para lá colocar os recursos do modelo de partilha, seja destinada à educação.

Nós sabemos que a educação é talvez o requisito de mais fôlego, de mais força, de mais envergadura para que o Brasil avance. Para que o Brasil avance em todos os sentidos. Avance na era do conhecimento científico e tecnológico. Avance criando patentes inovadoras. Avance sendo capaz de agregar à economia todo o potencial de criação e inovação que a ciência e a tecnologia são capazes de gerar.

Obviamente, para que esse país, ao gerar riqueza possa distribuí-la. Ao gerar riqueza, possa gerar empregos de melhor qualidade, para que este país possa, ao gerar força e riqueza econômica, possa também ser um dos países mais democráticos que nós possamos conceber.

Nós sabemos que nenhum país desenvolvido chegou a ser desenvolvido, a ter esse *status*, sem investir em educação em tempo integral, e isso custa dinheiro. É importantíssimo que o Brasil invista em uma educação em tempo integral, do ensino fundamental e do ensino médio.

O programa de ensino integral, que chama Mais Educação, ele amplia o tempo de estudo das crianças e dos adolescentes, que recebem no contraturno mais aulas, mais reforço pedagógico – obviamente complementados com esporte e com cultura, com atividade culturais e artísticas -, mas é para aumentar o tempo de estudo das crianças que nós consideramos que é fundamental ter esse programa.

Nós, hoje, já temos 32 mil escolas no Brasil oferecendo ensino em tempo integral, e vamos chegar, em 2014, em 60 mil. Mas nós temos de ampliar esse programa e ele requer professores, um conjunto de tutorias, requer que nós tenhamos laboratórios de qualidade, enfim, ele requer, necessariamente, uma ampliação dos gastos em educação.

Eu quero dizer para vocês que ele é um instrumento fundamental também para outra questão: para o Brasil sem Miséria, porque, hoje, 55% das escolas públicas que já oferecem ensino integral tem maioria de estudantes do Bolsa Família. E isso é importantíssimo porque, se o caminho de saída da miséria para os adultos é o acesso ao emprego, a oportunidades de inclusão produtiva – quaisquer que sejam –, para as crianças e para os jovens, o único caminho é educação, educação e mais educação. Por isso que o nosso programa se chama Mais Educação.

Daí a importância para, de fato, construirmos uma porta de saída estratégica de médio e longo prazos, ou seja, duradoura, para as famílias e as regiões mais pobres do país.

Senhoras e senhores,

Nós sabemos que entre várias palavras – como inclusão, distribuição de renda, crescimento – competitividade é uma palavra-chave para que o Brasil se desenvolva, para que o Brasil seja um país rico capaz de distribuir renda.

Elevar a competitividade é condição para que a gente garanta, de forma sustentável, os níveis de emprego, de renda, a prestação de serviços sociais de qualidade a todos os brasileiros e brasileiras.

Nem sempre a competitividade significa isso, mas é impossível ter isso sem competitividade. Nós não seremos um país justo se não formos capazes de ser um país competitivo. Nós precisamos disso para avançar para a segunda etapa.

O governo do presidente Lula fez um caminho... abriu um caminho majestoso e grandioso. De nós é exigido consolidar esse caminho e ampliar esse caminho. Por isso, eu gostaria de dizer para os senhores que o governo vai apoiar, vai estimular, vai dar suporte à competitividade em todas as atividades produtivas. No que nos diz respeito, nós estamos focados na desobstrução – podia ser desengargalamento, mas nós falamos desobstrução, mas é a mesma coisa – dos gargalos logísticos, energético e de custo que dificultam o nosso desenvolvimento.

Eu concordo com o Nakano que uma das causas da abertura da boca do jacaré é o que a gente chama de vazamento para o exterior da nossa demanda, por suposto. Por isso nós lançamos o Brasil Maior, porque as condições naquele momento eram bastante adversas. Obviamente, isso tem a ver também com a relação entre taxa de juros e taxa de câmbio. Porque não é só o programa que garante essa desobstrução ou, melhor dizendo, essa diferença de capacidade competitiva, é também uma relação entre taxas de juros e taxas de câmbio.

Nós tomamos medidas no sentido de – tanto tributárias como financeiras, no caso do Brasil Maior – para garantir uma maior competitividade e inovação da indústria. Ao mesmo tempo que nós promovíamos desonerações tributárias, aprimorávamos os mecanismos de defesa dos interesses dos produtores brasileiros nos fóruns internacionais, adotávamos uma política clara de preferência por produtos e serviços nacionais nas compras governamentais. E, ao mesmo tempo, ao longo do período anterior, nós mudamos uma relação macroeconômica importante, que é a relação entre juros e câmbio, na medida em que hoje os juros têm um patamar, que eu dizia um pouco... bem mais civilizado e o nosso câmbio não está na situação que estava um ano atrás.

Agora nós temos, ao fazer tudo isso, um compromisso básico com a solidez fiscal. Nós somos um país que aprendeu, que não comete certos equívocos que nós vemos as nações antigas, do mundo ocidental, na Europa, cometerem. Nós temos hoje tanto uma solidez fiscal como um setor financeiro robusto, um setor financeiro que não esteve imerso em uma política

de financiamento de dívidas que levou à crise bancária que nós estamos assistindo na Europa.

Bom, graças a esse compromisso, que eu acho que é do conjunto da sociedade brasileira, com a solidez fiscal, nós criamos esse ambiente para que a taxa de juros caísse. Ela não caiu por nenhum produto de nenhum voluntarismo. Ela é produto de um longo caminho, de uma longa trajetória, que vem de outros governos, no sentido de buscar que o Brasil seja um país que tem a capacidade de andar sobre os seus próprios pés. Isso implica uma inflação controlada. Isso implica numa redução da dívida líquida sobre PIB. E nós temos conseguido isso. Não há como tergiversar a esse respeito. A partir do governo do presidente Lula, nós viemos sistematicamente reduzindo a relação dívida líquida sobre PIB e, por isso, nós criamos um espaço que tornou possível essa redução dos juros.

E eu acredito que essa trajetória tem muito a ver, também, com o fato de estar claro que nós em relação a qualquer critério somos um país, por exemplo, que respeita contrato, que tem uma solidez institucional inequívoca, e eu estou certa que nós vamos chegar, progressivamente, a *spreads* condizentes com o que é praticado no mundo. Mas eu vou reafirmar: tudo isso feito, sem prejuízo da estabilidade macroeconômica, do controle da inflação e dessa progressiva redução da dívida sobre o PIB.

Eu lembro, inclusive, que os números hoje são bem menores do que alguns que eu achava que a gente ia poder conseguir durante a eleição. Estou vendo ali a Tânia – viu, Tânia ? – que a gente achava que ia poder conseguir.

Neste momento, uma das nossas maiores preocupações é ampliar o nível de investimento do nosso país, principalmente em logística e energia, ou seja, infraestrutura.

O governo e a iniciativa privada devem se unir para dotar o Brasil de uma infraestrutura capaz de reduzir os custos de produção, e tornar o país mais competitivo em todos os mercados. E torná-lo significa mais lucro, melhores empregos e maior renda, como eu já disse.

Nós anunciamos, recentemente, a primeira parte dessa iniciativa em relação à infraestrutura logística. E eu queria ressaltar duas coisas: primeiro, a criação da empresa de planejamento logístico. É impossível este país continental não ter uma visão planejada e estruturada de longo prazo. Ao mesmo tempo, trata-se de duas iniciativas: uma iniciativa que é resgatar a ferrovia. A nossa ferrovia, no Brasil, nós estamos aquém do que foi feito no final do século XIX, no início do século XX em alguns países desenvolvidos, que á construção de uma malha ferroviária.

A nossa malha ferroviária está aquém do que o Brasil precisa para crescer e para evoluir. Está aquém porque fizemos uma privatização das ferrovias absolutamente sem consistência. Então nós estamos mudando o modelo baseado em duas coisas: um, primeiro foco da mudança do modelo de ferrovia. Nós não queremos mais o monopólio de rede. Em qualquer setor, em qualquer setor que tenha rede, o princípio do não monopólio é o acesso e a capacidade de deixar todos transitarem pela própria rede – no caso, a rede aí é trilho, no caso da energia elétrica é fio, no caso da Anatel, pode ser inclusive torre.

Então o compartilhamento de infraestrutura é o fim do monopólio no Brasil, e o fim do monopólio é o fim de tarifas que não são compatíveis com a estrutura ferroviária.

Para isso nós fizemos, e vamos fazer em parceria com o setor privado esse processo. Como? Primeiro, nós contratamos o construtor da ferrovia, o operador da ferrovia e o mantenedor da ferrovia. Ele é um. Ele não tem carga. Ele vai operar a ferrovia a partir de critérios absolutamente transparentes.

O que a Valec faz? Ela garante que ele não tenha risco. Como? Nós compramos toda a

capacidade e vendemos para todos aqueles que quiserem ter acesso à capacidade pelo menor preço possível.

Obviamente, um preço que vai me dar uma taxa de retorno, mas uma taxa de retorno que seja compatível com a necessidade deste país, de ter fretes competitivos e fretes módicos. Módico não é forçar a barra para reduzir o preço. Módico é aquele mais barato possível, dado as condições estruturais do país. É isso que é o modelo de ferrovias que nós aprovamos. É isso.

No caso das rodovias, tem uma diferença desse: é concessão direta. Nós não podemos... nós vamos ter de combinar sempre no Brasil, concessão com obra pública. Porque se nós não fizermos isso, nós penalizamos regiões com pedágios altos. Regiões que não têm condição de pagar pelo custo de toda aquela infraestrutura, porque não tem tráfego suficiente, por uma questão técnica, muito óbvia. Não tem tráfego, quanto mais, quanto menos tráfego, o que acontece? Onera o pedágio. Então, nós vamos combinar concessão com obra pública. Porque tem lugar que não vai ser possível concessão.

Uma vez, nós fizemos uma experiência, há muitos anos atrás, ainda no governo do presidente Lula, quando nós tentamos conceder a 163. Para vocês terem uma ideia, na 163 inteirinha o pedágio daria quase R\$ 163,00, numa hipótese, e chegou a R\$ 900,00 em outras hipóteses. Então, a nossa hipótese é trabalhar onde não tem ainda demanda suficiente com obra pública. E onde tem, com concessão, com tarifas as mais baixas possíveis. E, antecipando os investimentos para os cinco primeiros anos. É essa a ideia.

Junto com a questão das ferrovias e das rodovias, nós estamos tratando de mais dois problemas que implicarão em mudanças de modelo, inclusive. É a visão de portos e aeroportos. Eu não vou aqui dizer para os senhores como é que vão ser os dois, porque isso ainda está em discussão e nós iremos lançar isso na metade de setembro. Portos... aliás, a questão de aeroportos é, além da necessidade de nós termos um padrão de prestação de serviços aeroportuários compatíveis com o tamanho da movimentação dos nossos aeroportos, nós vamos ter, ao mesmo tempo de dar conta deles, dar conta de aeroportos regionais que para existirem, porque esse país é continental, nós teremos de ter aeroportos, tanto considerando critério de polarização econômica quanto critérios turísticos, quanto em algumas regiões do país, um critério simples de acessibilidade. Sem aeroporto você não chega lá. Porque não tem como. Então, esses três critérios, nós estamos estruturando um programa de aeroportos regionais, que necessariamente terá de ter um apoio no sentido de, em alguns casos, nós faremos subsídios.

Nós estamos estruturando esse programa, ele não está pronto ainda. Todas as especulações, me desculpe a imprensa, não adianta, não está pronto é porque não está pronto. Pode... tem hora que vocês botam umas coisas no jornal que eu fico falando: eles são criativos, isso eles são.

Bom, a outra questão é portos. Portos, talvez seja, no Brasil, a questão mais estratégica. Porque, por ele, nós vamos ter de discutir toda estrutura de cabotagem deste país como a exportação e como também a relação entre o setor privado, os chamados Tups, os terminais de uso privativo, quanto o chamado porto organizado. Também, nós estamos em processo e estamos utilizando métodos que eu acredito que seja um dos melhores, discutimos com o setor, com os interessados, aqueles que usam. Nisso, não é, Doutor Gerdau? O senhor está sempre dando a sua contribuição. As boas realizações a gente computa para o senhor, os ônus nós ficamos com eles.

Não, mas é porque, de fato, os ônus são nossos. Nós é que vamos ser responsáveis por fazer, e finalmente nós iremos também fazer um conjunto de medidas para garantir a redução

dos custos de energia elétrica baseado em duas coisas, baseado na reversão das concessões, depois de vencido o prazo. Sabe, Pedro Parente, venceu, passou. Tem algumas que foram 30, e depois foram mais 30. Tem umas velhas senhoras de 60 anos, algumas hidrelétricas. E também através de redução dos encargos, também ainda está no finalzinho isso, está no finalzinho. Nós pretendemos fazer o lançamento na semana que vem.

Bom, todas as providências que nós estamos tomando, sem dúvida, são úteis e necessárias para melhorar a nossa situação conjuntural, mas elas não estão sendo tomadas por isso. Não é só para melhorar, para aumentar o nível de investimento, é para ter um sentido de longo prazo, que significa reduzir o custo do país.

Essa redução de custo é a única forma que nós podemos enfrentar as décadas que virão. Nós temos de ter maior eficiência e maior produtividade. Nós temos de ter. Isso diz respeito à logística, diz respeito à energia, vai dizer respeito também – e isso é um processo -, vai dizer respeito também à forma pela qual nós vamos tributar

Que nós temos uma estrutura tributária regressiva, todos nós sabemos. Agora, ninguém muda uma estrutura tributária de um país de um dia para o outro. Eu acho que nós demos alguns passos importantes.

Eu acho que a questão do fim da guerra dos portos é algo fundamental, é de absoluta irracionalidade este país subsidiar trabalhadores chineses, franceses, alemães, americanos e deixar os nossos trabalhadores sem emprego. A guerra dos portos é isso.

Porque subsidiar importação é dar uma grande contribuição para abrir a boca do jacaré. É uma grande contribuição. É você, de fato, acreditar que, como diziam, o leão é muito manso.

Enfim, eu acredito que nós temos de reduzir sim o custo de capital - e os juros é um dos grandes elementos desse custo -, temos de reduzir o custo da energia, temos de reduzir e tornar racional o custo da tributação.

Não se trata só de reduzir porque, tem razão, ninguém conseguirá em um país tão desigual fazer política social se não tiver tributo, mas ele tem que ser racional. Ele não pode ser irracional. Ele não pode impedir o investimento. Ele não pode impedir que haja uma participação em bens de capital.

Eu quero dizer para vocês que todas as medidas que nós viemos tomando, eu peço aos senhores que façam análises, críticas pontuais etc, mas que não as avaliem isoladamente.

Posso não ter conseguido passar qual é o sentido estratégico, mas nós acreditamos que elas formam um conjunto coerente e lógico com o que nós queremos para o país. Compõe um conjunto de políticas para elevar o quê? A competitividade da economia brasileira. Para quê? Para elevar o padrão de vida da população. Nós não achamos que a competitividade é um fim em si. O fim é aumentar a qualidade de vida da população brasileira e transformar este país num grande país de classe média. Esse é o fim.

Por isso, nós sabemos também que ao fazer isso, a gente age para melhorar o Brasil nas próximas décadas. Nós queremos que fique um legado. O meu governo espera contar com o apoio crítico dos senhores. Esse fórum é altamente qualificado. Aqui tem visões das mais diferenciadas. Eu gostaria que toda essa diversidade, criatividade e engajamento do Conselho fosse algo que nós pudéssemos, sistematicamente, recorrer. Primeiro, escutando as críticas, depois, escutando as sugestões. Muitas das medidas que tomamos, não só neste caso, mas no caso, por exemplo, do Minha Casa, Minha Vida, veio de sugestões de empresários, de trabalhadores, de representantes da sociedade civil. Muitas vezes, essas sugestões, de início, não conseguem fazer sentido para nós, mas, progressivamente, quando você amadurece a discussão, elas passam a fazer.

E, eu quero dizer para os senhores que é impossível governar, o governo governar sozinho. É impossível. A grande qualidade da democracia, do meu ponto de vista, é que nós possamos estabelecer este diálogo mais próximo e que resulte em algumas iniciativas que vão dar uma grande contribuição para o país.

Finalmente, eu queria falar sobre a questão ambiental. Porque em tudo isso, o Brasil tem um diferencial. Nós somos um país que tem uma grande força nessa área. Nós participamos da Rio+20 e recebemos aqui 133, entre chefes de Estado e delegações, 82 chefes de Estado, se eu não me engano, e o resto era de delegação: ou vice-presidente ou representante de rei ou rainha, enfim, foi uma representação importante. O Brasil conseguiu nessa Rio+20 ter um documento final, assumir compromissos.

Por isso eu acho importantíssimo que nós mantenhamos esse compromisso com o meio ambiente. Nós enviamos ao Congresso um Código Florestal acrescido de uma medida provisória. O governo considera importante alguns itens dessa medida provisória, entre eles o que nós chamamos de escadinha. E também não vê motivos, não há motivos econômicos para que nós não mantenhamos as áreas de proteção ambiental ao longo do leito dos rios, sejam eles perenes ou não.

O governo está aberto a negociações, mas não assume responsabilidade por negociações que não foram feitas com a presença dele. A gente inclusive... gostaríamos de discutir, mas não assumimos responsabilidade por aquilo que não é discutido conosco.

Muito obrigada.

¶ Ouça a íntegra do [discurso \(http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-39a-reuniao-ordinaria-do-pleno-do-conselho-de-desenvolvimento-economico-e-social-cdes-brasilia-df-43min32s\)](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-a-39a-reuniao-ordinaria-do-pleno-do-conselho-de-desenvolvimento-economico-e-social-cdes-brasilia-df-43min32s)(43min32s) da presidenta Dilma